

Não será difícil encontrar-se na brasileira, em estudos de reconhecimento histórico que atingem a psicologia social, uma extraordinária parcela de interesse para o criticismo literário. A literatura, na base de certos gêneros como a poesia, a novelística e o teatro, não se desvincula do complexo cultural que define o país em suas linhas mais características. Emergindo do complexo cultural, dele herdando inúmeras constantes que a marcam como movimento artístico, a literatura encontra naqueles estudos chaves poderosas para alguns dos seus problemas. No caso do imaginativismo brasileiro — que tantos já concluíram como uma resultante romântica, — sempre uma constante que a própria história da literatura confirma, poderá sobressair toda uma explicação à sombra daqueles estudos. Fácil admiti-la, por exemplo, na obra de Gilberto Freyre e sobretudo quando relaciona a nossa imaginação à floresta. O sincretismo folclórico, que Artur Ramos estabeleceu no inter-curso das sagas portuguesas, índia e negra, muito acrescentará para a explicação do nosso imaginativismo literário.

Ainda agora, embora fôsse possível configurá-lo nos contos e autos populares — responsáveis pela novelística e o teatro em três séculos brasileiros de oralidade, — e com insistência impressionante, dois ensaístas concorrem para a sua compreensão. Refiro-me a Cassiano Ricardo e Sérgio Buarque de Holanda, seus livros permitindo a volta ao imaginativismo ao tempo em que confirmam a articulação dos estudos científicos de brasileira com o criticismo literário. Se «Marcha para Oeste», de Cassiano Ricardo, consegue associá-lo à bandeirologia, Sérgio Buarque de Holanda não o evitará em «Visão do Paraíso». Em um como em outro ensaio, na auscultação dos elementos

Uma constante literária

Adonias Filho

mitológicos, na apreensão de suas consequências sobre nossa formação social, há-de subsistir o imaginativismo que se converterá em constante literária.

Até hoje, ao que saiba, não foram levantadas as nossas constantes literárias. Apontadas algumas pela crítica histórica — e dentre as quais o lirismo e a dramaticidade — não adquiriram qualquer sistematização. Parece evidente, entretanto, sobretudo quando fixamos os ciclos novelístico e teatral sem esquecermos o longo período oral da ficção, que em seu vértice se coloca o imaginativismo. Comprovam-no os movimentos temáticos que, oriundos do complexo cultural brasileiro — como o indianismo, o sertanismo, o escravismo, — deixam-se transfigurar por essa imaginação que os inunda de valores simbólicos e fabulações carregadas de mitos. Tornando-se constante literária, marcando de preferência a ficção a partir dos primeiros autos e contos populares até a novelística moderna e o teatro contemporâneo, o imaginativismo não tinha como evitar as causas que se identificavam com as próprias fundações nacionais.

E' esse imaginativismo, relacionado com algumas dessas causas na base das fundações nacionais — a interferência social dos motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil e a interferência dos mitos de fundo econômico nas bandeiras paulistas, — que ressurgem nos ensaios

de Sérgio Buarque de Holanda e Cassiano Ricardo como subsídio indispensável ao criticismo literário e especialmente à crítica histórica da literatura brasileira.

Aquela imaginação, que Capistrano de Abreu associava à inspiração popular e ilustrava com os contos populares, retorna nos dois ensaios — «Marcha para Oeste» e «Visão do Paraíso» — à sombra de documentação que demonstra o rigor da pesquisa e a erudição dos seus autores. Sérgio Buarque de Holanda, mesmo restringindo o universo lendário quando o transporte das conquistas castelhanas para as portuguesas, não hesita em reconhecer o mundo mítico português como fator ativo da expansão colonizadora. Os portugueses, acrescenta, não eram insensíveis ao apelo do mistério. Também deles era a «procissão de maravilhas»; lagoas douradas, seres monstruosos, serras de prata, as amazonas.

E' a mesma imaginação que, invocando os mitos de fundo econômico, fixa-se nas bandeiras como um dos seus mais decisivos conteúdos. Nascendo com a primeira geração de mamelucos, tendo nos mitos de ouro o seu maior impulso, a bandeira se alimenta de uma inteligência — diz Cassiano Ricardo — que se caracteriza pela imaginação. E' o «itabera-boçu» resplandecente, conclui o autor de «Marcha para Oeste», que provoca as grandes jornadas continentais. O imaginativismo, que antecede a descoberta pelo lado português e se firma brasileiromente no bandeirismo, transparece na oralidade que, através dos contos e autos populares, assegura a posição de constante literária.

Interceptando-a ao auscultar a movimentação literária — a essa constante que invariavelmente se denuncia na poesia, na novelística e no teatro, — a crítica histórica não pode evitar relacionar-se com a brasileira no círculo dos estudos de reconhecimento histórico que atingem a psicologia social. Mas, se a crítica histórica a capta na própria origem e a acompanha em plena duração, é certo que a traslada para o criticismo literário que, em consequência, não deve ignorá-la como traço incisivo na literatura brasileira. O criticismo, e como se verifica, tem na brasileira um veículo que será indispensável à proporção em que deseja erguer as nossas constantes literárias.

Em sua transferência de complexo cultural brasileiro para a literatura — reveladas pelos historiadores, sociólogos, lingüistas e psicólogos sociais, — as constantes literárias constituem realidades que necessitam ser admitidas em proveito do reconhecimento crítico da poesia, da novelística e do teatro. O imaginativismo, ressurgindo com oportunidade nos ensaios de Cassiano Ricardo e Sérgio Buarque de Holanda, não será o único exemplo. Uma constante literária, denuncia as outras que foram geradas pelo complexo cultural. E daí é que vem o interesse do criticismo literário para a brasileira.

Jornal do Comércio
8.11.1959